

Mário Jorge Lima

Esse é o assunto científico do momento, o célebre Bóson de Higgs. Vejam abaixo na íntegra um comentário noticioso sobre isso, que recolhi na Internet:

*“A comunidade científica comemorou na semana passada a descoberta de uma partícula que pode ser o **Bóson de Higgs**, mas os físicos de partículas Ian Low, Joseph Lykken e Gabe Shaughnessy acreditam que o anúncio feito pelo Centro Europeu de Pesquisas Nucleares pode ser falso.*

Eles chegaram a essa conclusão após um estudo feito com os dados fornecidos pelo acelerador de partículas do CERN, chamado LHC. Analisando todas as faixas eles chegaram à seguinte conclusão: o CERN não visualizou a partícula, apenas encontrou a faixa de massa onde o Bóson de Higgs deve estar.

A justificativa desses físicos do Argonne National Laboratory, localizado em Illinois, nos Estados Unidos, é de que o Bóson de Higgs pode se transformar em uma nova partícula, pois tem vida curta. Essa rapidez com que ele se transforma pode ter interferido no resultado final dos estudos do Centro Europeu.

Essa análise foi registrada em um artigo de 20 páginas, e a conclusão é que provavelmente a partícula encontrada é, na verdade, a representação de partículas genéricas que acabaram enganando os físicos que tentam descobrir o responsável por transferir massa para todas as outras partículas após o teórico Big Bang, evento que teria formado a Terra há 14 bilhões de anos.

Os três físicos aguardam novas informações do CERN para poder confirmar se o achado do LHC é realmente a ‘Partícula de Deus’. Para eles está claro que são apenas partículas semelhantes, mas não há quem possa afirmar qual dos grupos está certo em relação ao tema.”

Isso foi só pra iniciar nossa rápida conversa. Os cientistas naturalistas dizem que essa partícula, surgida logo após o chamado Big-Bang, que confere massa às coisas existentes e representa a chave para explicar a origem de todas as outras partículas elementares, mostraria que o universo dispensa a figura de um Ser criador, o qual, definitivamente não existiria. Na realidade, entre outras coisas, foi por assumir o papel que os religiosos atribuem a Deus, que lhe deram o nome de “partícula de Deus”.

Eu, que, pessoalmente, creio em um Deus criador mas, respeito todo pensamento contrário, a chamo de “partícula sem Deus”. Os mundos científico e religioso estão em ebulição, Não sei se essa partícula será insofismavelmente encontrada, mas essa busca, esse frenesi em relação aos testes feitos nos 27 km do acelerador europeu, têm produzido um clima de reflexão que não deixa de ser benéfico, positivo, para cientistas e leigos, para crentes e não crentes, para religiosos e céticos.

Descontadas algumas possíveis defecções de parte a parte, não acredito que a descoberta ou não dessa partícula, necessariamente torne ateístas em crentes ou transforme naturalistas em cristãos criacionistas. Ambos os lados dessa questão encontrarão razões, subjetivas ou não, lógicas ou ilógicas, para seguir acreditando ou descrendo da forma como sempre fizeram, e até mais fortalecidos em suas posições.

E sabem por que penso assim? Porque a fé começa com uma decisão, uma escolha consciente de cada indivíduo, uma determinação do pensamento, que responde a um chamamento interior. Evidentemente que só posso falar como crente: sem essa determinação, essa escolha livre, ninguém

chega a desenvolver fé espiritual. E quem sente esse chamado para crer dificilmente saberá explicá-lo ou defini-lo. É pessoal, é experiencial. Eu chamo isso de “o Encontro”.

Da mesma forma, não atender a esse chamamento, é também uma decisão consciente de ficar com as provas e evidências que se possa obter, desprezando tudo aquilo que não é possível atestar de forma tangível, visível, científica, instrumental, laboratorial.

Cada lado dessa questão tem os seus postulados, tem as coisas que ficam pendentes de explicação e entendimento. E se de um lado, despreza-se e ridiculariza-se a fé, do outro lado firma-se a fé justamente porque é ela que atende aos anseios e questionamentos de outra forma irrespondíveis.

Todos temos esse direito, de escolher acreditar no sobrenatural ou espiritual, ou então de nos firmarmos em provas de alto rigor científico. Essa é a aventura humana, e essa é de certa forma a beleza de possuir o que muitos chamam de livre-arbítrio, que eu prefiro chamar de poder de escolha, de vontade livre.

O que não pode, ou pelo menos não deveria acontecer, é de um lado ridicularizar e manifestar arrogante desprezo pela crença alheia, enquanto do outro lado se vocifera e ameaça com o fogo do inferno quem não possui crença espiritual. Aqui deveria valer a civilidade, o respeito pela pessoa humana, pelo semelhante, pelo companheiro de jornada nesse planeta.

Na verdade, todos nós, crentes ou não crentes, somos nivelados pelo único fato inevitável da existência: somos mortais. Como lidar com essa finitude, como ver, como se sentir, como se posicionar diante disso, é decisão pessoal. Uns creem que após a morte há vida consciente ou inconsciente, ou que haverá ressurreição com vida ou morte eternas. Outros só creem nessa vida limitada, acanhada e sofrida, e o que podem conseguir ou realizar nela.

É certo que há incrédulos festivos, que alguém já chamou de “ateístas de Superinteressante”, assim como os há honestos, ponderados, conscientes e à procura de uma verdade sublime e satisfatória. Da mesma forma há “cristãos de R\$ 1,99” assim como os há sinceros, devotados, com fé provada no fogo.

Em qualquer dos casos, sejamos íntegros, busquemos a verdade, amemos nosso semelhante, sirvamos ao nosso próximo da forma que entendermos e que acreditarmos que deve ser. Em algum momento as respostas pendentes virão, as dúvidas milenares se resolverão, os pontos obscuros se esclarecerão, o que hoje vemos como que por espelho, veremos face-a-face. Assim creio, assim espero. Por ora, estamos todos no mesmo barco.

